



Quando os católicos afirmam que o pão e o vinho se tornam verdadeiramente o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo durante a Santa Missa, não estamos defendendo uma doutrina medieval inventada séculos depois dos Apóstolos. Tampouco se trata de uma interpretação meramente simbólica ou de uma devoção piedosa desenvolvida ao longo do tempo. A fé na Presença Real de Cristo na Eucaristia tem suas raízes nas próprias palavras de Nosso Senhor, no ensinamento apostólico e no testemunho constante dos Padres da Igreja.

Entre essas grandes testemunhas destaca-se uma figura extraordinária: **São João Damasceno** (também conhecido como João de Damasco), um dos mais importantes teólogos do Oriente cristão e um dos últimos grandes Padres da Igreja. Viveu entre os séculos VII e VIII, muito antes de a palavra “transubstanciação” ser oficialmente definida pela Igreja na Idade Média e, no entanto, ensinou com notável clareza exatamente aquilo que os católicos continuam acreditando hoje.

Seu ensinamento constitui uma prova histórica esmagadora contra a ideia de que a doutrina eucarística católica seja uma inovação tardia. Ao mesmo tempo, oferece uma profunda orientação espiritual para os fiéis do nosso tempo, que vivem numa época marcada pela perda do sentido do sagrado e pelo declínio da fé eucarística.

Quem foi São João Damasceno?

São João Damasceno nasceu por volta do ano 675 na cidade de Damasco, então sob domínio muçulmano.

Pertencia a uma influente família cristã e recebeu uma educação excepcional em filosofia, teologia, ciências e literatura. Depois de servir durante algum tempo na administração civil, abandonou a vida pública para ingressar no Mosteiro de São Sabas, próximo de Jerusalém.

Ali desenvolveu uma imensa obra intelectual e espiritual.

É especialmente conhecido por:

- Ter defendido a veneração das imagens sagradas durante a crise iconoclasta.
- Ter sistematizado a teologia patrística.
- Ter escrito obras fundamentais sobre a fé cristã.
- Ser considerado um dos maiores Doutores da Igreja Oriental.



Sua obra mais famosa, **A Fonte do Conhecimento**, constitui uma das mais importantes sínteses teológicas da Antiguidade cristã.

O mais notável é que, quando fala da Eucaristia, o faz com uma precisão doutrinal que parece antecipar as definições dogmáticas posteriores.

A grande pergunta: o que realmente acontece na Missa?

Esta questão acompanha a Igreja desde os seus primórdios.

Quando o sacerdote pronuncia as palavras da consagração:

| *“Isto é o Meu Corpo”*

| *“Isto é o Meu Sangue”*

acontece realmente alguma coisa?

Ou trata-se apenas de um símbolo?

Para São João Damasceno, a resposta era inequívoca:

ocorre uma transformação verdadeira e sobrenatural.

Não estamos diante de uma representação, de uma figura ou de uma simples recordação.

Estamos diante do próprio Jesus Cristo.



As palavras de Cristo não são uma metáfora

São João Damasceno parte de uma ideia simples.

Deus não mente.

Portanto, quando Cristo diz:

| *“Isto é o Meu Corpo”,*

não quer dizer:

| *“Isto representa o Meu Corpo”.*

Quando afirma:

| *“Isto é o Meu Sangue”,*

não está dizendo:

| *“Isto simboliza o Meu Sangue”.*

O santo escreve:

| *“O pão e o vinho não são uma figura do Corpo e do Sangue de Cristo; Deus nos livre! São o próprio Corpo do Senhor, divinizado.”*

Esta afirmação é extraordinariamente forte.



Não deixa espaço para interpretações puramente simbólicas.

Para ele, a Eucaristia é verdadeiramente Jesus Cristo presente sob as espécies sacramentais.

O poder criador da Palavra de Deus

São João Damasceno utiliza um argumento profundamente bíblico.

Ele recorda que Deus criou o universo por meio de Sua palavra.

O livro do Gênesis nos diz:

| *“Disse Deus: Faça-se a luz. E a luz foi feita.” (Gn 1,3)*

Se a palavra divina pôde criar todo o cosmos a partir do nada, por que não poderia transformar o pão e o vinho no Corpo e Sangue de Cristo?

Para o Damasceno, a dificuldade não está no poder de Deus, mas na nossa compreensão limitada.

A onipotência divina supera infinitamente as capacidades da razão humana.

A ação do Espírito Santo

Um aspecto especialmente importante do ensinamento de São João Damasceno é o papel do Espírito Santo.

Ele explica que a transformação eucarística ocorre por meio da ação divina.

Escreve:



*“O Espírito Santo desce e realiza aquilo que ultrapassa toda
palavra e todo pensamento.”*

Aqui encontramos um elemento fundamental da teologia oriental.

A conversão eucarística não é um fenômeno físico observável nem um processo químico.

É uma ação sobrenatural realizada por Deus.

Os sentidos percebem pão e vinho.

A fé reconhece o Salvador.

Um ensinamento que antecipa a transubstanciação

A palavra “transubstanciação” surgiria séculos mais tarde como um termo técnico para explicar essa realidade.

A Igreja a definiria solenemente no Concílio de Trento em resposta aos erros protestantes.

Contudo, a própria doutrina já existia.

São João Damasceno ensina exatamente o essencial:

- O pão deixa de ser pão.
- O vinho deixa de ser vinho.
- Permanecem apenas as aparências externas.
- A realidade profunda torna-se o próprio Cristo.

Isto é precisamente o que a teologia latina mais tarde chamaria de transubstanciação.

A fé não mudou.



Mudou apenas a linguagem técnica utilizada para descrevê-la.

O fundamento nas Sagradas Escrituras

O ensinamento de São João Damasceno não nasce de uma reflexão isolada.

Está firmemente enraizado na Escritura.

O discurso do Pão da Vida

No capítulo 6 do Evangelho de João, Cristo declara:

“Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão viverá eternamente; e o pão que Eu darei é a Minha carne para a vida do mundo.” (Jo 6,51)

Os seus ouvintes reagem com escândalo.

No entanto, Jesus não corrige um suposto mal-entendido.

Pelo contrário.

Insiste ainda mais.

“Porque a Minha carne é verdadeiramente comida e o Meu sangue é verdadeiramente bebida.” (Jo 6,55)

Estas palavras constituem um dos pilares da doutrina eucarística.



A Última Ceia

Durante a Páscoa judaica, Cristo toma o pão e o vinho e declara:

“Tomai e comei; isto é o Meu Corpo.” (Mt 26,26)

“Bebei dele todos; porque isto é o Meu Sangue.” (Mt 26,27-28)

São João Damasceno considera estas palavras decisivas.

A Igreja simplesmente acredita naquilo que Cristo disse.

São Paulo

O Apóstolo ensina:

“Quem comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será réu do Corpo e do Sangue do Senhor.” (1 Cor 11,27)

Se a Eucaristia fosse apenas um símbolo, esta advertência teria pouco sentido.

Ninguém pode tornar-se culpado do Corpo e do Sangue de Cristo por causa de um simples símbolo.

A gravidade do pecado demonstra a realidade da Presença.



Uma resposta para o nosso tempo

Vivemos numa época marcada por uma profunda crise da fé eucarística.

Muitos batizados:

- Já não acreditam na Presença Real.
- Veem a Missa apenas como uma reunião comunitária.
- Recebem a Sagrada Comunhão sem preparação espiritual.
- Perderam o sentido do mistério.

Diante desta situação, a voz de São João Damasceno ressoa com uma atualidade surpreendente.

Ele nos recorda que o altar não é uma mesa qualquer.

A Hóstia consagrada não é um objeto religioso comum.

A Missa não é uma representação teatral da Última Ceia.

Ela é o sacrifício de Cristo tornado presente sacramentalmente.

Consequências práticas para a vida espiritual

1. Recuperar o assombro

Se acreditamos verdadeiramente na Presença Real, cada Missa deveria ser um acontecimento extraordinário.

Não estamos simplesmente assistindo a uma palestra.

Estamos indo ao encontro do Rei do Universo.



2. Comungar em estado de graça

O ensinamento tradicional da Igreja permanece inalterado.

Quem tem consciência de pecado mortal deve primeiro recorrer ao Sacramento da Confissão.

São Paulo adverte:

“Quem come e bebe indignamente, come e bebe a sua própria condenação.” (1 Cor 11,29)

A Eucaristia exige preparação espiritual.

3. Cuidar das partículas eucarísticas

Se Cristo está verdadeiramente presente, até mesmo os menores fragmentos da Hóstia merecem reverência.

Esta convicção foi uma constante da tradição litúrgica tanto do Oriente quanto do Ocidente.

4. Praticar a adoração eucarística

A lógica da fé na Presença Real conduz naturalmente à adoração.

Se Cristo está realmente presente, adorá-Lo fora da Missa é perfeitamente coerente.

5. Viver eucaristicamente

A Comunhão não termina quando deixamos a igreja.



Cristo entra em nossa alma para transformá-la.

A Eucaristia deve refletir-se:

- Na caridade.
- Na pureza de vida.
- Na oração.
- Na luta contra o pecado.
- Na fidelidade a Deus.

A impressionante continuidade da fé católica

Um dos aspectos mais fascinantes de São João Damasceno é constatar como o seu ensinamento corresponde perfeitamente à doutrina católica contemporânea.

Não encontramos uma fé diferente.

Não vemos uma evolução doutrinal radical.

Vemos a mesma fé expressa ao longo dos séculos.

A Igreja do século VIII acreditava exatamente naquilo em que acredita a Igreja do século XXI:
que Jesus Cristo está verdadeira, real e substancialmente presente na Eucaristia.

A formulação teológica tornou-se mais refinada com o passar do tempo.

A verdade crida permaneceu inalterada.

Conclusão: São João Damasceno nos convida a



ajoelhar

A grande lição de São João Damasceno não é apenas intelectual.

Ela é profundamente espiritual.

Sua teologia conduz inevitavelmente à adoração.

Diante do mistério eucarístico, a resposta adequada não é apenas estudar.

É acreditar.

É amar.

É adorar.

Numa cultura que perdeu o sentido do sagrado, o santo de Damasco recorda-nos que, cada vez que participamos da Santa Missa, acontece o maior milagre da terra: o próprio Cristo torna-Se presente sobre o altar.

Por isso, quando contemplamos uma Hóstia consagrada, devemos recordar o testemunho implícito de toda a tradição católica, desde os Apóstolos até São João Damasceno:

Não estamos diante de um símbolo. Não estamos diante de uma recordação. Não estamos diante de uma representação. Estamos diante de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, oculto sob as humildes aparências do pão e do vinho para permanecer conosco até o fim dos tempos.

E se isto é verdade — e a Igreja professa esta verdade há vinte séculos — então toda a nossa vida deveria girar em torno do sacrário, porque ali nos espera Aquele que disse:

“E eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo.” (Mt 28,20).